

## Relembrando Uma Jornada

*Terezinha de Jesus Pinheiro Maciel*

De que são feitos os dias,  
De pequenos desejos,  
Vagarosas saudades,  
Silenciosas lembranças.

Cecília Meireles

O curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará completa cinquenta (50) anos de existência. Os gestores atuais decidiram comemorar o evento. Para tal, pediram a colaboração de ex-alunos e ex-professores. Na qualidade de pertencente aos dois grupos, fui solicitada a colaborar, relembrando os fatos da época de estudante. Tento cumprir a tarefa, registrando o que ficou guardado no baú das lembranças. Reconheço que, cinquenta anos depois, minha a memória está muito rarefeita entre as brumas do passado; entretanto, contei com a ajuda de várias colegas de classe para avivar alguns eventos.<sup>1</sup>

Transportei-me para março de 1964. Manhã ensolarada. Jovens cheios de energia, expectativas e esperanças enfileiravam-se para passar por um pequeno portão a fim de adentrar o território da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. O rito de entrada basicamente consistiu em ser marcado na testa de cada novato, por um aluno veterano, as letras RU, que significavam reforma universitária. Pas-

---

<sup>1</sup> Desejo expressar meus agradecimentos a todas as colegas que contribuíram com a rememoração dos fatos. De modo especial agradeço às colegas Bruhilda Teles, Clélia Cavalcante, Ivoni Pereira de Sá e Lúcia Antero.



sado o primeiro momento, fomos encaminhados para os diferentes blocos de salas de aula, para ouvirmos informações e palestras de boas-vindas.

Permitam-me apresentar nossa turma. Ela era composta de trinta (30) alunos, sendo vinte e nove mulheres e um homem<sup>2</sup>. Tratava-se de uma turma muito heterogênea, pois havia jovens oriundos da zona rural e outros tipicamente urbanos; alguns vindos de famílias de classe média e alguns de classe mais pobre. Alguns contavam com pais intelectuais e outros cujos genitores não ultrapassavam a educação primária (terminologia da época). Predominavam no grupo, entretanto, sentimentos de respeito, amizade e colaboração. Percebia-se claramente um espírito de grupo. Éramos um grupo alegre e de muito humor. Qualquer fato mais inusitado era motivo de gargalhadas.

Iniciamos nossos estudos universitários como "cobaias" de um projeto-piloto, que posteriormente se tornou o novo modelo de curso e de currículo adotado como parte da reforma universitária de 1968. Neste novo sistema, o curso compreendia dois ciclos: o ciclo básico e o ciclo profissional. As disciplinas eram classificadas em obrigatórias (A) e optativas (B), sendo oferecidas semestralmente. Foi adotado também o sistema de crédito: as disciplinas com noventa horas aula (90 h/a) por semestre equivaliam a seis (6) créditos; as de sessenta (60h/a) horas valiam quatro (4) créditos. As disciplinas obrigatórias representavam cerca de 90% do currículo. Em decorrência deste fato, nós alunas cursávamos as mesmas disciplinas, o que permitia que as

---

<sup>2</sup> Compunham a segunda turma de Pedagogia os seguintes alunos: Aloylson Gregório de Toledo Pinto, Ana Maria Cerqueira, Antônia Anete Bezerra Ximenes, Célia Maria Castro, Clélia Cavalcante Sales, Darcy Augusta Vieira Leite, Edirlas Azim Sarruine, Estela Maria de Moura, Francisca Eneida Mourão, Helena Claudia Frota de Holanda, Gizelda Mesquita, Inês de Maria Lopes Cavalcante, Jocília Bezerra Monteiro, Joseneide Franklin Cavalcante, Laura Tavares da Silva, Lisbela Cabral Ramos, Maria Bruhilda Telles, Maria do Socorro Cavalcante, Maria Ciria Petrola de Melo Jorge, Maria Cleide de Abreu, Maria Gercelina Oliveira, Maria Ivoni Pereira de Sá, Maria Josenilde Braga Costa, Maria Lúcia Antero, Maria Lúcia de Souza e Silva, Maria Zilmar de Matos Carneiro, Marilene Carvalho, Neda Maria Carneiro Leão Matos, Rita Lúcia Costa Eleutério, Tereza Maria Antunes, Terezinha de Jesus Pinheiro Maciel, Vanda Maria Ribeiro Costa.



alunas continuassem sempre juntas em cada semestre. Dito de outra maneira, não havia ainda a fragmentação da turma. Atualmente, este sistema parece óbvio, mas para nós foi uma grande novidade.

Mil novecentos sessenta e quatro (1964) foi um ano diferente para todos nós: estudo de disciplinas novas para a maioria dos componentes da classe. Professores ensinando por meio dos mais variados métodos; mudanças de docentes no final de cada semestre (regime semestral de ensino); novas disciplinas no semestre seguinte; novo sistema de avaliação baseado em quatro tipos de instrumentos de avaliação: nota parcial de conhecimento (NPC), nota de trabalho individual (NTI), nota de julgamento final (NJF); e conceito final (CF). Enfim, novos fatos e desafios a cada dia. Um deles foi a escolha do curso que seria seguido após o ciclo básico: Pedagogia e Geografia. Em geral, o estudo desde o primeiro semestre e as disciplinas Introdução à Educação e Introdução à Geografia ajudavam os alunos a esclarecerem suas vocações: educador ou geógrafo.

Nesta volta ao passado, é imprescindível que seja registrado o excelente relacionamento entre professor e aluno. Os docentes que trabalhavam em regime de tempo integral e dedicação exclusiva permaneciam em seus gabinetes disponíveis para atender e orientar os estudantes em qualquer momento do expediente. O colegiado do curso era composto por professores com uma visão de mundo ampla. Em sua maioria, seguiam uma filosofia humanista. Portadores de grande conhecimento em seus campos de estudo e de grande cultura geral, não só nos impressionavam por sua competência, como também nos incentivavam a crescer como pessoas e como profissionais. Vale ressaltar que tivemos a sorte de ter professores recém-chegados de seus cursos de mestrado que se destacavam por suas novas ideias, por atitudes de abertura e respeito não só para com os alunos, mas, também, junto à comunidade acadêmica local. Havia preocupação por parte dos mestres em ensinar, orientar, numa palavra, formar educadores competentes.



Chegamos à Universidade com a experiência de secundaristas. Poucos de nós sabíamos usar corretamente a biblioteca. Importante é lembrar que tínhamos por parte da bibliotecária Fernandina Fernandes orientações para usarmos com propriedade o acervo. Ela nos ensinava a fazer consulta, leitura e organização dos estudos. Sempre nos dizia: "Por favor, não procurem os livros apenas indicando suas características físicas, como alguns alunos faziam". (Só para lembrar: "Eu quero o livro azul de capa dura" ou "eu quero aquele livro pequeno de capa branca com vermelho adotado pelo professor X")

Havia por parte do corpo docente a preocupação de formar novos educadores da melhor forma possível. Assim foi que na primeira aula da disciplina Introdução à Educação, quando a professora perguntou a cada aluno por que havia escolhido fazer Pedagogia, a colega Célia Ponte respondeu com firmeza e segurança: porque quero ter uma escola. A colega fundou a escola pretendida com sucesso e hoje o seu colégio é um dos melhores estabelecimentos de ensino da cidade. Este é apenas um exemplo de como muitos dos alunos sabiam exatamente o que queriam para o futuro.

Focalizando o cotidiano do grupo, lembrei-me de algumas passagens que ficaram indelevelmente registradas na minha memória. Vejamos alguns dos episódios lembrados.

A primeira disciplina que cursamos foi Introdução à Educação, ministrada pela Dra. Zélia Sá Viana Camurça, cuja postura era sempre muito formal, muito exigente, numa palavra, muito profissional. Ela nos ensinou a produzir um trabalho científico, como organizar corretamente uma referência bibliográfica, como elaborar fichas de leitura e muito mais. Neste processo, após indicar todos os elementos de uma referência, questionou a turma: "Está faltando um elemento. Quem sabe"? Todos nós tentamos descobrir, mas ninguém acertou. Depois de ouvir várias tentativas de acerto, ela nos diz: "É o ponto". Imaginem a reação da turma.



Outro episódio hilário que ocorreu com a mesma professora foi que certo dia ela começou escrevendo o esquema da aula em um quadro de giz suspenso num cavalete. De repente, o vento sopra por trás do quadro que se desequilibra, enquanto ela tenta segurá-lo. A esta altura, foi um corre-corre de alunos para ajudá-la. Passado o incidente, a professora volta-se para a classe e diz solenemente: "Desculpem"! A gargalhada foi geral.

É importante registrar, cinquenta anos depois, que a professora objetivava nos transformar em verdadeiros universitários, nos fazendo conhecer instituições sociais, a planejar os estudos, analisar as leituras feitas, a produzir resenhas de livros e nos pôr em contato com a literatura clássica nacional nos campos da Educação e da Sociologia.

Fato inusitado para nós novatos na universidade foram as aulas de Introdução à Psicologia, oferecidas por dois professores (padre José Maria Frotta e Prof. Francisco José do Amaral Vieira). O primeiro, espiritualista; o segundo materialista. O primeiro falava do espírito, das dimensões metafísicas do ser humano. O segundo afirmava "que alma, que espírito, que nada, o que existe é matéria e energia". A nós restava estudar pelo caderno com as anotações das aulas do Padre, para fazer suas provas; e estudar pelo caderno de anotações das aulas do outro professor para fazer as provas passadas por ele.

Outra disciplina oferecida pelo professor Amaral era Fisiologia Humana. Na qualidade de professor e pesquisador, ele mantinha um laboratório de Psicologia Experimental e do Comportamento e incentivava as alunas a trabalharem experiências com gatos, ratos e sapos. No início, era um deus-nos-acuda. As alunas mais medrosas reclamavam, choravam, mas nada fazia o mestre deixar de exigir que fizéssemos as tais experiências. Depois do choque inicial, já vivendo o processo de acomodação, a turma era dividida em grupos: o que trabalhava com gatos, o que trabalhava com ratos e o que trabalhava com sapos. Na realidade o maior objetivo do Professor



era nos levar a ter postura científica, a experimentar na realidade a relação teoria e prática.

Impossível esquecer as aulas de Inglês I e II, ministradas pela professora Odirene Costa, sempre pontual, tanto na classe quanto no laboratório de línguas, exigindo de cada aluno, a cada momento, pronúncia e entonação corretas. Ela dava atenção individual a cada aluno. Com ela só não aprendia inglês quem realmente não quisesse.

A disciplina Matemática (na realidade era Cálculo) era oferecida pelo Instituto de Matemática, mas aulas eram ministradas por acadêmicos do último ano do curso de Matemática. Os alunos que lecionavam eram: Luciano Pinheiro Klein, Eunir Moreira e Lucas Barbosa. Como eram também alunos da universidade ensinavam com paciência. Tentavam acalmar as alunas dizendo: "tenham calma, o difícil nós aprendemos agora, o impossível, logo depois". Não sei se todas as alunas aprenderam Matemática, mas a parceria deu resultado, pois duas alunas da turma casaram com dois dos professores.

O professor Olavo de Sampaio ensinava Introdução à Sociologia. Faz-se sempre lembrado por ter sido denunciado como subversivo, ter sido preso e ter saído do cenário universitário. Vale registrar que o professor Sampaio nunca falou de política em classe. Sumiu nas brumas da revolução e nunca mais soubemos notícias dele.

Tivemos uma disciplina de Introdução à Economia, ministrada pelo professor Almir Caiado Fraga, que se esmerou para que compreendêssemos a importância da Economia no mundo moderno. Ele levava exemplos e exercícios do cotidiano para que a nossa percepção da matéria nos levasse a aplicá-la na vida real.

Recém-saído do seminário dos jesuítas, o professor Antônio Gomes Pereira possuía uma memória privilegiada e uma cultura geral fora do comum. Era considerado um excelente professor. Ofereceu-nos três (3) disciplinas: História da Educação I e II e, Educação e História na Cultura Ocidental. Destacou-se como um grande incentiva-



dor junto aos alunos que queriam continuar os estudos em nível de pós-graduação.

Lembrado por se comunicar muito pouco em português, o professor estadunidense David Locke exigia que os alunos reproduzissem nas provas o que estava escrito no livro adotado, incluindo os pontos e vírgulas. Facilmente ficava nervoso e desabafava com outro colega dos EUA, (ambos vieram para o Brasil por intermédio do programa Corpo da Paz (*Peace Corp*). Um dia disse ao colega "vou embora, não aguento mais, sinto que estou dando aula numa classe de índios". O desabafo foi feito em inglês em um dos corredores da faculdade. Uma aluna (Vanda Maria Ribeiro Costa), que falava e compreendia muito bem a língua inglesa, ouviu e imediatamente falou para as colegas. Quando o professor entrou em classe, as alunas ao mesmo tempo colocaram a mão na boca e começaram a gritar como índios... Sem comentários...

Minha classe teve o privilégio de ter aulas do doutor Valnir Chagas. Profundo conhecedor das leis educacionais, possuidor de grande cultura geral e dono de memória privilegiada, oferecia-nos a interpretação das leis de forma prática e significativa. Da forma como ele ensinava legislação da educação, até diminuía a aridez do assunto.

Entre os professores que retornaram do mestrado vale lembrar o professor Antônio Carlos de Almeida Machado, sempre muito firme em suas afirmações e exigente nas avaliações. Ofereceu-nos duas disciplinas: Didática e Currículos e Programas. Quem não se lembra das leituras da Didática Magna do Comenius e do livro da Dalila Sperb sobre currículos e programas?

Creio que se existem aulas que não foram esquecidas: foram as da professora Lúcia Dallago, inovadora tanto no conteúdo quanto na metodologia de ensino. Ainda nos anos sessenta (60) ela já nos direcionava para assistir a filmes a fim de discuti-los em classe, escolhia textos de autores com pontos de vista diferentes para analisarmos temas específicos. Proporcionava-nos verdadeiros júrís em



classe. Era uma mestra muito querida. Possuidora de inteligência privilegiada, de elevado grau de competência e compromisso. Sabia ser mestra e amiga dos alunos. Numa só expressão: uma profissional vocacionada.

Cursamos as disciplinas Psicologia da Personalidade e Introdução à Orientação Educacional com o professor Adil Dallago. Suas aulas eram ricas em exemplos e de aplicação da teoria na vida real. O professor demonstrava ser um verdadeiro orientador educacional.

Importante é lembrar a atuação da professora Lirêda Facó, que lecionou a disciplina Administração Escolar e, posteriormente, organizou a habilitação em Administração Escolar. Como mestra, destacou-se pela organização, domínio do conhecimento no campo em que atuava e disponibilidade para ajudar aos alunos. Como pessoa, destacava-se pelo seu sorriso e sinceridade sobre o que observava e expressava.

Uma das disciplinas mais interessantes que tivemos foi Antropologia Cultural, ministrada pelo professor Francisco Alencar. Ele objetivava nos fazer conhecer e analisar novos conceitos e instituições na perspectiva antropológica. Certo dia resolveu nos levar para conhecer um terreiro de umbanda. A entrada ao ambiente foi chocante para alguns alunos. Nele havia um altar sobre o qual se via imagens de santos (Santa Bárbara, São Jorge, São Sebastião), velas acesas, plantas, recipiente com água etc. A mãe-de-santo focalizou o olhar em algumas pessoas do grupo e lá pr'as tantas uma estudante ficou atuada recebendo uma entidade. O comportamento da aluna mudou completamente: a fala, movimentos e olhar. Grande parte do grupo ficou apavorada e começou a se dirigir para a saída. E assim, não foi possível concluir devidamente a visita.

Creio que nenhum aluno do nosso grupo se esqueceu do entusiasmo do professor Moacir Aguiar falando da Filosofia contemporânea. Certa vez, peripateticamente, deslocando-se de um lado para outro da sala, olhando para o verde das árvores, completamente



absorto, a classe em silêncio, de repente a Vanda Ribeiro Costa lhe dirige uma pergunta sobre Jean Paul Sartre. O professor tomou um susto tão grande que quase se desequilibrou. Imaginem a reação dos alunos: uma gargalhada geral. De fato, ele era um verdadeiro filósofo.

Nossa professora de Estatística aplicada à Educação sofria de gagueira. Sua comunicação em classe era bastante precária. Certo dia ela escreveu no quadro uma fórmula matemática bem grande e perguntou a uma aluna que sentava na primeira fila (que por ironia do destino era eu) qual a operação que ela faria em primeiro lugar para resolver a tal fórmula. A aluna, insegura e sem ter a menor ideia do que deveria fazer, responde: eu faria ao mesmo tempo as fatorações, divisões e multiplicações. A professora olhou furiosa para o grupo e reagiu com a seguinte expressão: "Au, au, au, aunalfabeta". A classe toda repetiu: "Au, au, au, aunalfabeta". A professora não se controlou, tomou todo o seu material de aula e deixou a classe. Imaginem a reação das alunas... Foi um misto de medo e humor. Na aula seguinte, ela começou a explicar matéria nova e a classe permanecia totalmente calada. Depois de alguns minutos ela perguntou: "Estão entendendo?". A classe permaneceu calada. Perguntou novamente: "Alguém tem alguma dúvida?". A classe permanecia calada. Mais alguns minutos, ela perguntou novamente: "Estou falando português?" Neste momento, a Vanda Maria Costa levantou-se e falou: "professora ninguém tem dúvida, porque a ignorância é tamanha, que não sabemos nem fazer perguntas". Pensem na reação da classe e da professora!

Minha memória recuperou fatos do momento político em que estava mergulhado o País. Passeatas organizadas por estudantes na Avenida da Universidade, que quase sempre terminavam em correrias para se livrarem da polícia e da prisão. Nesses momentos, os estudantes não só corriam, mas pulavam muros, entravam em casas de pessoas desconhecidas e faziam o que fosse possível para escapar



dos militares. A situação política do País nos fez viver sob uma cortina de medo.

O estudo no período em que fizemos o curso de graduação parece ter sido levado muito a sério. Durante muitos sábados, vínhamos em grupo para o primeiro bloco da Faculdade (que ficava aberto para que os alunos pudessem estudar) para em conjunto lermos e trocarmos ideias com os autores e as colegas. Nesses encontros, aprendíamos a dialogar com autores nacionais e estrangeiros. Para rememorar, cito alguns: Arnold Gesell, Arthur Jersild, B.F. Skinner, Myra Y Lopez, Sigmund Freud, Paul Monroe, Lourenzo Luzuriaga, Frederick Eby, Edward M. Burns, George Kneller, Francisco Arroyo, Lourenço Filho, Fernando de Azevedo, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Anísio Teixeira, Florestan Fernandes, Maria Alice Foracchi, Emile Durkheim, Donald Pierson, William Kilpatrick, João Amós Comênio, Jean Jacques Rousseau, Pestalozzi, Frederick Froebel, Maria Montessori, J. Herbart, John Dewey e muitos outros. Velhos tempos. Estudávamos lendo os autores originais. Líamos livros inteiros, não apenas textos sobre os autores.

Lembro-me agora do segundo semestre de 1966, em que realizamos várias atividades (bingos, rifas, tarde de entretenimento para crianças na Cidade da Criança) para angariarmos dinheiro para fazer uma viagem no final do curso. Fizemos uma excursão com parte da nossa classe (Bruhilda, Cleide, Jocília, Josenilde, Lisbela, Terezinha Maciel e outras) para Belo Horizonte, Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro, em fevereiro de 1967. Viajamos de ônibus, nos hospedamos em alojamentos de estudantes ou em casa de famílias. Foi um momento de descobertas e crescimento. Eu diria que foi um dos acontecimentos importantes da nossa turma.

Por acaso alguém da nossa classe se esqueceu da sineta que anunciava o início e final das aulas? Ainda vivíamos a época em que os alunos precediam o professor na classe. Na realidade, era considerado desrespeito e falta de compromisso chegar atrasado à aula.



Não posso deixar de registrar os intervalos das aulas na segunda-feira, que se constituíram em momentos especiais para os comentários dos eventos do final de semana. Cada pequeno grupo (em geral as equipes) se reunia no pátio à sombra das árvores da escola para contar e curtir as novidades relacionadas às matinês do cine São Luiz, às *soirées* do clube Maguari, às tertúlias que eram realizadas no CEU (Clube do Estudante Universitário) nas noites de sextas-feiras, e, obviamente, o andamento dos namoros.

Creio que, não só para mim, mas para todos os alunos da segunda turma, o curso de Pedagogia foi realmente uma escola de vida e de profissão. Grande parte do grupo graduou-se em dezembro de 1967. Outras alunas somente completaram todos os créditos em 1968. Nossos professores nos consideravam alunos preparados para enfrentar a realidade das escolas. Alguns alunos, ao completarem sua graduação, foram imediatamente contratados para ensinar na Universidade. Da nossa turma tornaram-se professores universitários seis alunos. Outros, por conta do famigerado Ato Institucional número 5<sup>3</sup> ficaram fora das nomeações ocorridas em 1967 esperando por concursos, que só aconteceram em 1969.

Ainda como testemunho da amizade que ficou entre o nosso grupo, vale salientar que há mais de cinco anos nos reunimos quatro vezes por ano para rir, rememorar os tempos passados e "fazer apostas para o futuro".

Finalmente uma lembrança que deixou saudades foi a partida para outra dimensão e para outras jornadas das colegas: Gizelda Mesquita, Joseneide Franklin Cavalcante, Laura Tavares da Silva, Maria Cira Petrola de Melo Jorge e Rita Lúcia Costa Eleutério.

E o tempo passou e agora, cinquenta anos depois, tudo é lembrança. A jornada de ontem representa apenas parte do dever de

---

<sup>3</sup> O Ato Institucional número cinco (5), entre outras medidas, instituiu a obrigatoriedade de concursos públicos para todos os que pretendessem trabalhar em instituição pública.



casa. Resta-nos completar a jornada, fazendo o que nos recomenda o grande poeta gaúcho Mario Quintana que um dia escreveu sobre O Tempo.

A vida é o dever que nós trazemos para fazer em casa.

Quando se vê, já são seis horas!

Quando se vê, já é sexta-feira!

Quando se vê, já é natal...

Quando se vê, já terminou o ano...

Quando se vê perdemos o amor da nossa vida.

Quando se vê passaram 50 anos!

Agora é tarde demais para ser reprovado...

Se me fosse dado um dia, outra oportunidade, eu nem olhava o relógio.

Seguiria sempre em frente e iria jogando pelo caminho a casca dourada e inútil das horas...

Seguraria o amor que está a minha frente e diria que eu o amo...

E tem mais: não deixe de fazer algo de que gosta devido à falta de tempo.

Não deixe de ter pessoas ao seu lado por puro medo de ser feliz.

A única falta que terá será a desse tempo que, infelizmente, nunca mais voltará.

Fortaleza, agosto, 2013